RIO DE JANEIRO
13 DE FEVEREIRO
1932
1$500
Nº 687
Para Todos

AS CREANÇAS
E OS VELHOS
Nas Creanças, a tosse é um mal quasi que permanente. Sejam sadias ou doentes, as creanças não escapam á visita frequente da tosse. E o "Bromil" na tosse das creanças, é de um effeito admiravel, bem como na coqueluche, cujos accessos cédem rapidamente ao poderoso xarope.
Para os Velhos, o "Bromil" é uma protecção providencial: combate a chamada Tosse dos Velhos e, acalmando os accessos que se manifestam de preferencia á noite, permitte ás pessoas de edade o beneficio de poderem dormir tranquillamente.
KOHOUT NEWYORK
TOSSE ? BROMIL

Para todos...

Directores

Alvaro Moreyra e Oswaldo Loureiro

Assignaturas

1 anno — 75$000

6 mezes — 38$000

Rua do Ouvidor 181 — 1.º

End. telegr.: "Paratodos"

Telephone: 2-9654

Pequenas historias de theatro

Mistinguett, no seu camarin, depois de uma "matinée" tirava o "maquillage". Tirava o "maquillage" de scena para substituil-o pelo "maquillage" de rua.

— Que horror! exclamou ella... (Para falar a verdade não foi bem isto que ella exclamou...) preciso andar depressa que Chevalier me espera ás cinco horas...

O relogio bateu seis horas. Então, ella, acalmada, disse:

— Seis horas! Felizmente ainda tenho tempo...

Ligeira palestra entre um dos nossos empresarios e um jornalista.

— Então? Que tal a nova revista que puzeste em scena? Estás satisfeito?

— Sim, não é peor do que as outras... Mas, não enthusiasma o publico.

— Por que

— Porque não ha publico...

Uma troupe de comedia em viagem pelo interior exhibe o enorme cartaz de um drama em cinco actos:

O PARAISO PERDIDO

O annuncio não diz o nome do autor, mas, abaixo do titulo da peça póde se ler estas palavras muito suggestivas:

"*Os papeis de Adão e Eva serão representados pelos proprios artistas da creação.*"

Phrase terrivel de conhecida artista, quando lhe contaram a morte de uma rival:

— Oh! que coisa horrivel! Nunca eu ousaria ir tão longe para que fallassem em mim...

O Carnaval que passou

As mulheres feitas do calor da terra pintaram os labios com os sambas gostosos. Puzeram nos olhos a malicia dos *"loups"*. Enfeitaram-se da belleza nova da liberdade.

E vieram para as ruas.

As ruas que se esqueceram dos dias em que eram honestas.

Tudo se derretia no calor.

As mulheres protegidas de mysterio offereciam o contacto bom dos corpos harmoniosos.

Por um momento. A's vezes, por varios momentos...

Todos affirmavam a felicidade com energia.

Gritando. Gesticulando. Dansando.

Ninguem acreditava, mas não fazia mal.

O que se queria éra gosar.

Gosar a belleza selvagem das dansas de rythmos barbaros.

A belleza pagã dos corpos jovens no rito inconsciente de festas antigas.

A belleza romanesca dos pierrots, mesmo sem bandolim, sem serenatas, sem Colombina.

Carnaval!...

Inutil aconselhar:

— "Tenha calma, Gegê..."

LUIS MARTINS

MACHINA-MÃE

LUIZ BARTA

I

A mãe deixou a cama e accendeu o fogareiro.

No céo brilhavam ainda as estrellas e uma obscuridade profunda se accumulava diante da janella.

Da cama, o pae perguntou: "Onde vaes?"

— Tu tambem deves te levantar. Já são horas. A usina te espera

— Que horas são?

— Seis horas.

A mãe occupava- com a lavagem da louça, a luz electrica envolvia-lhe a cabeça, como uma aureola.

O pae tomou o café fumando. Sentia toda a bondade de sua mulher:

— Tu és uma mulher extraornaria, disse commovido á mãe

— Não, eu sou uma machina. Desde o amanhecer até o anoitecer, o trabalho me persegue; só durante a noite, emquanto durmo e sonho, é que tenho o sentimento de ser eu...

Pouco depois o pae já se achava diante da sua machina no vasto atelier da fabrica. Estava de pé no meio das enormes rodas, entre os eixos das macinas, as transmissões, em torno, só tenção e hectowatt... A'quella hora o mechanismo da producção mundial se poz em movimento para o trabalho quotidiano, não só nas usinas, mas tambem nas grandes casas de commercio e nos bancos.

OU PAGA OU RUA!

— Paga ou não paga o quarto? Ladrão!
— Talvez não seja eu o ladrão...

O pae se achava no mechanismo da producção mundial.

Eram oito horas da manhã, o trabalho começou.

A's nove horas, a transmissão apanhou o pae e estraçalhou-o.

II

A mãe sahiu da cama, os ponteiros indicavam já seis horas, e o despertador se poz a tocar. Agarrou-o de pressa e escondeu-o sob o travesseiro para não acordar os outros.

Fóra, muito longe, no horizonte de vastas planicies verdes, em qualquer parte, appareciam os primeiros raios rosados e as andorinhas cantavam no ar puro. Por um momento, ella parecia se recordar de todas essas coisas...

Mas accendeu logo o fagareiro, e poz em cima o leite e o café. Teve tambem que accender a luz, porque as paredes escuras e sujas do saguão não deixavam penetrar nenhuma claridade.

Quando o café começou a ferver, dirigiu-se á cama do filho e pousou-lhe a mão sobre a testa.

— A tua mão é tão boa e tão meiga, disse elle.

O brilho dos olhos do filho illuminou um pouco a vida da mãe.

— Meu querido filho...

— Tu és uma mulher extraordinaria, exclamou o filho, beijando a mão da mãe, porque elle sentia toda a bondade della...

— Não, replicou a mãe, sou apenas uma machina. A machina faz as compras, prepara a comida, limpa e repete tudo isso do amanhecer ao meio dia... Do meio dia á noite, lava roupa, lava louça, lava roupa, lava louça... De noite concerta a roupa. Só algumas vezes, em sonhos, parece-me que sou um sêr humano...

O filho partiu para a usina...

A's oito horas o mechanismo de producção mundial se poz em movimento e o filho se achava no mechanismo da producção mundial... Mas ás dez horas, um empregado do escriptorio da usina approximou-se do filho e disse-lhe:

— Rapaz, tens que deixar a machina e ir para o "front"...

Um obus estraçalhou o filho.

III

A mãe já havia feito o café no fagareiro. Crystaes de gelo desenhavam-se na janella. A mãe accendera tambem um pouco de fogo no fogão para que o quarto não estivesse tão frio aos despertar da filha.

Depois a mãe chegou perto da filha e acariciou-lhe os cabellos.

— Levanta-te, querida! A usina te espera!

— Está tão bom aqui, exclamou a rapariga para quem cinco gráus abaixo de zero, representavam uma felicidade rara na vida...

— Eu aqueci um pouco, disse a mãe...

— Tu és uma mulher extraordinaria! exclamou com enthusiasmo a rapariga, puxando a mãe e beijando-a.

— Não, minha filha, respondeu a mãe, sou apenas uma machina. Teu pae foi morto pela machina, teu irmão foi despedaçado por uma granada... eu varro, lavo roupa, sem parar, para outros agora. Só nos meus sonhos me parece, ás vezes, que sou um sêr vivo.

Então a rapariga se levantou para se pôr a caminho do mechanismo da producção mundial que ia justamente começar o seu trabalho quotidiano. Abriu a porta.

— Oh! Que frio! e todas as manhãs tenho que sahir tão cedo!

— Nós somos proletarios... disse a mãe.

A filha só voltou no dia seguinte. Trazia um casaco de pelles, um vestido de seda, anneis, e o seu rosto estava franzido...

— Um senhor me deu tudo isto... disse ella... Agora não serás mais uma machina... Eu te sustentarei...

IV

Então a mãe foi para a cozinha e assentou-se diante da mesa.

Ella não trabalhará mais, só terá repousos, Não porque a sua filha ganhará a vida, mas porque, d'agora em diante, nada mais tem importancia...

E o repouso começou a se apoderar da alma da mãe...

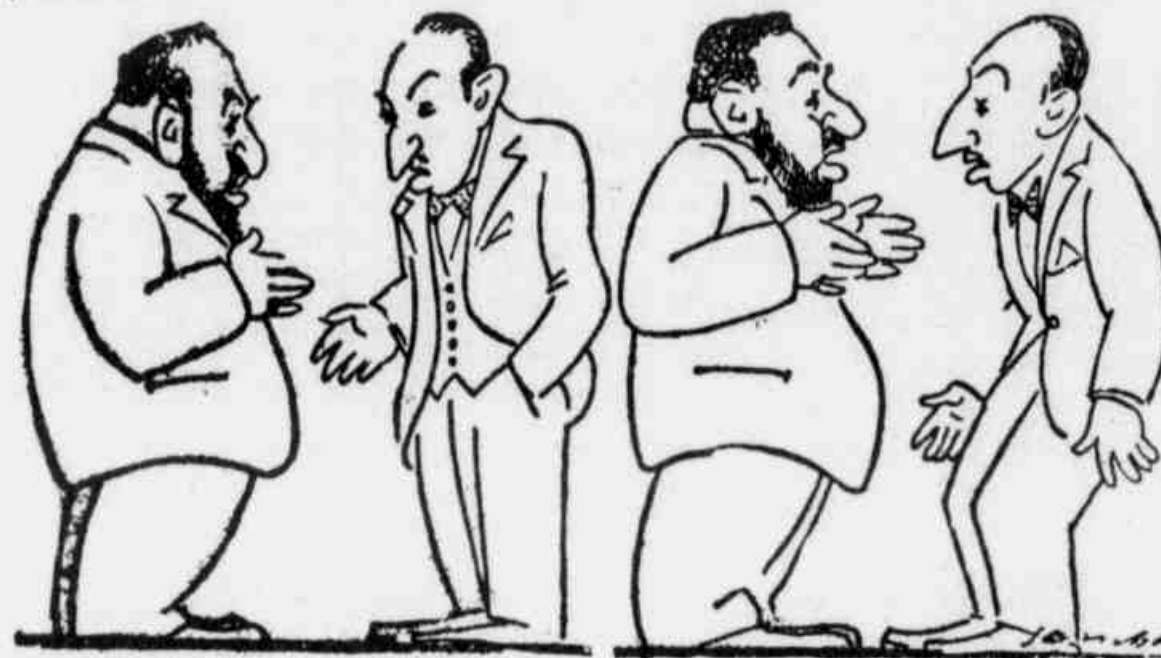
E a mãe começou a sentir que era um sêr humano...

— Eu sou um sêr vivo, disse ella...

Abriu o bico do gaz e introduziu o tubo na bocca.

BOM PESO

— O pequeno tem duzentas grammas menos do que devia ter.

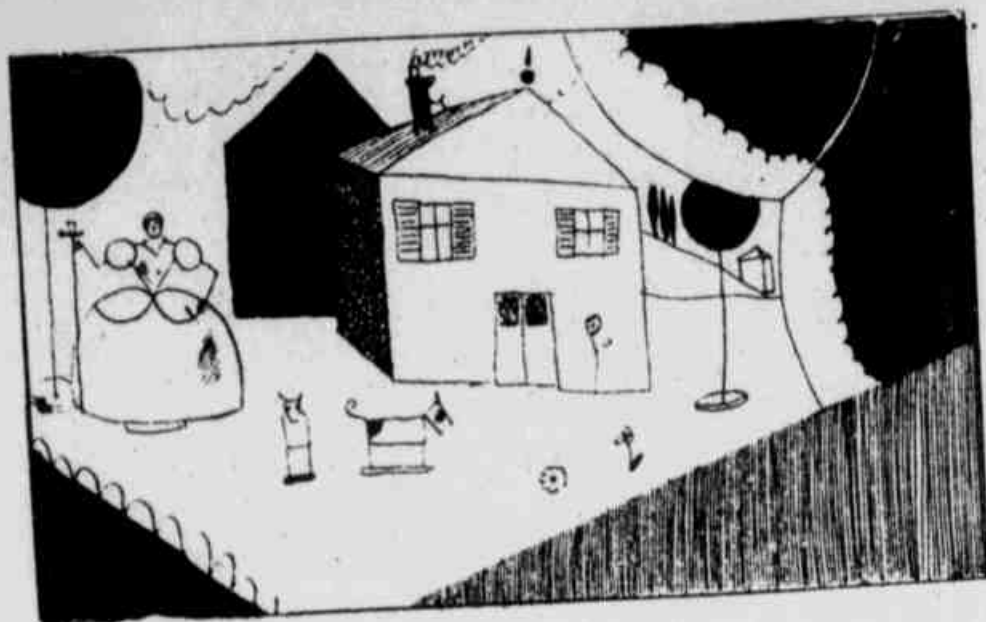
— E' que, quando elle nasceu, a gente tinha uma padaria.

O FILHO DE JACOB QUER CASAR-SE

— Papae, ella é pobre, mas sei que serei feliz com ella!

— Casado e feliz!... que é você ganha com isso?!

O COSTUME DA PROFISSÃO

— Oh! Por que é que o Sr. apagou o meu phosphoro?

— Desculpe... eu sou bombeiro...

se diverte com mais enthusiasmo. Os outros inventam, elle age. Ha tambem, para Loulou, a felicidade de poder ser "outro"; em casa não lhe permittem usar certos termos. Na rua, diz o que quer...

*

Os prazeres da infancia são regulados. Ha o codigo do gude e do pião, a tradição do chicote queimado, do lobo que está no bosque, e do saltar carniça. Mas isso não é mais sufficiente: a vida crê nos pequenos homens, é preciso brinquedos que os misturem á vida. Por isso partem em busca de emoções.

Brinquedos de rua

de LUCIEN LEAN

TER ao lado uma espadinha onde se appoia a mão; inventar lindas historias e contal-as aos amigos; compôr dramas e representa-los com bonecos, como o pequeno Wolfgang; construir hydraulicas ou amar uma joven mulher, como o pequeno Jean Jacques; ir ao Luxembourg com polainas, chapéo alto; fazer nadar num lago um barco de doze francos, como o filho do proprietario; tudo isso é encantador, mas nem sempre se é Goethe ou Rousseau, nem sempre se tem doze francos para comprar um barco.

*

Elles eram tres: Mimile, Honorio e Loulou. Os dezeseis annos de Honorio, a sua experiencia de aprendiz de serralheiro e de filho de bebedo seriam um pouco pesadas para os doze annos de Mimile. Mas entre os dois ha Loulou com quatorze annos: elle os une e se completam. Cada um tem as suas virtudes. A voz de Honorio é rouca; em cima da bocca desenha-se uma sombra. E' aprendiz, isto é, participa do trabalho humano; é senhor das portas e das fechaduras, faz tilintar, as ferramentas como um molho de armas.

Mimile usa ainda calças curtas: e isso o desespéra. Mas é agil, ousado, improvisador. Sabe as canções das ruas e dos concertos. Caminha com as mãos, desloca-se todo, toca o nariz com a lingua, come moscas. E a irmã mais velha tem um amor. Loulou é um rapazinho de boa educação, e é meigo, timido, um pouco hesitante. E' com pesar que os paes o deixam ir á rua, mas é preciso que as crianças tomem ar. Elle não tem o desenvolvimento precoce de Mimile nem a adolescente audacia de Honorio: deixa-se levar. Não propõe, diz "sim" ou "não" e isso é o bastante para se poder adivinhar o seu caracter: esse "sim" ou "não" é decisivo. E' dos tres o que

Caminham tranquillamente, com as mãos pendentes, como tres bons meninos que fazem um passeio. Passa um senhor que parece apressado. Honorio destaca-se do grupo, approxima-se polidamente e tira o gorro:

— Perdão, senhor, onde é a rua Rivoli?

— Siga direito, responde o senhor. Atravesse a ponte e a praça, e estará nella.

— Obrigado, senhor.

Dão alguns passos sem dizer nada, depois páram. E, escondidos, riem, triumpham, deliram de alegria. Aquelle homem, aquelle "homem" que enganaram, que os ouviu, que interrompeu o caminho!

*

Tocar as campainhas é tão tradicional que dá pouco prazer. Entretanto, ás vezes, á noite... A da escola, por exemplo: tudo se presta, não ha outra melhor. A porta fecha-se ao anoitecer, e fica no fim de um longo corredor. Emquanto vem o porteiro ha tempo de esconder. Loulou se occulta atraz da porta de uma cocheira, Mimile no angulo que forma uma loja de salchicheiro. Hono-

(Termina no fim do numero).

Senhorita Zilda Andraus
da Sociedade de São Paulo
(Photo Rossi Cerri)

Poema de Carlito

RUBEM BRAGA

Chaplin, triste Chaplin.

Os mais innocentes são culpados de tua desgraça. Os mais cupados são, porém, innocentes.

Todos somos os cumplices da vida, todos os que insistimos cynicamente em viver.

Seria preciso de certo uma grande reconciliação ou então uma desgraça total.

Essa monotonia de inquietudes nos acabrunha.

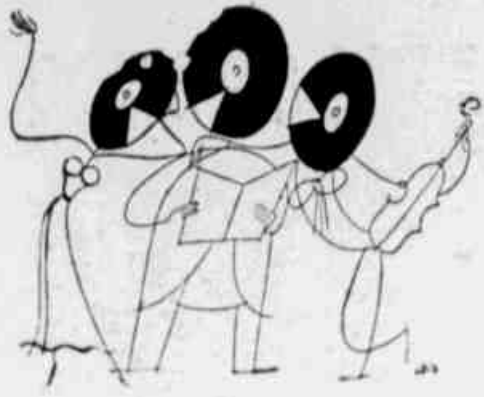
Só a tua vingança nos diverte um pouco.

Que vingança!

Teus grandes sapatos, lambendo as ruas da grande cidade, vão destruindo a grande cidade.

Tua bengalinha alavanca derruba os arranha-céos.

Chaplin, triste Chaplin.

Berta Singerman
com a sua filhinha Myriam

Emquanto gyram os discos...

Cinderella

O ether dos lança-perfume campeia pela cidade. E a cocaina subtil da loucura narnavalesca insinua-se em cabeças o anno inteiro perfeitamente equilibradas. "Não quero saber de carnaval este anno", dizia muitos. Mas depois, os sambas principia a gyrar e o juizo tambem.

Foi-se embóra o Carnaval. Ficaram os discos para recordar as coisas cantadas durante aquelles dias contentes. O disco gyra e a gente escuta "Você gósta de mim", de Francisco Alves e Ismael Silva:

Bis { Você gosta de mim
E eu gosto de você
Meu bem, não faz assim
Brigar, não sei p'ra quê

Bis { Meu bem, meu bem,
Eu não gosto de ninguem
(Só de você)

Bis { Todo meu ideal,
E' só sempre te amar;
Você faz muito mal,
Em tudo acreditar

Outra esplendida marcha carnavalesca do Parlophon é "**Te aguenta ahi**", letra de Carlos Bittencourt e musica de José Francisco de Freitas:

Si tu queres meu carinho
Deixa vêr teu retratinho
E vamos amar depois!
Cada qual mora sózinho
Fica lá com teu trapinho
Que o feijão não dá p'ra dois

Oh! Cecy!
Te aguenta ahi
Que eu vou ver
O que posso fazer por ti!

Deixa eu dar uma beijoca
Um beliscão na pernoca,
Tu precisas ser igual!
As coisas "tão" melhorando
Nós acabamos casando
Mas depois do carnaval!

VICTOR apresenta um samba muito dansante. "**Quero só você**", de André Filho, cantado por Carmen Miranda:

Quero você
e mais ninguem
quero e não posso deixar de querê
porque você
bem me tratou
e o meu coração conquistou!

Vivi sózinha
sem ter ninguem...
o teu carinho
já é de alguem
mas mesmo assim,
sómente eu...

Tua amizade
já se acabou...
Tenho saudade
do amor que passou!
mas mesmo assim
sómente eu... (volta o côro)

Do outro lado "**Bamboleô**", cujas palavras foram publicadas no **Para todos** da semana ultima.

Esplendida marcha carnavalesca é o "**A. E. I. O. U.**", de Lamartine Babo, gravada no disco **33503**.

Côro

A... E... I... O... U...
Dabliu, Dabliu!
Na cartilha da Júju'
Júju'

A Júju' já sabe lêr
A Júju' sabe escrever
Ha dez annos na cartilha
A Júju' já sabe lêr
A Júju' sabe escrever;
Escreve sal com c cedilha

Sabe conta de sommar
Sabe até multiplicar
Mas na divisão se enrasca
O outro dia fez um feio
Pois partindo um queijo ao meio
Quiz me dar sómente a casca

Sabe Historia Natural
Sabe Historia Universal
Mas... não sabe Geographia
Pois com um cabo se atracando
Na "bacia" navegando
Foi p'ra Asia e teve azia

O Disco **33506** Victor traz um bom samba "**Um samba em Piedade**", de Ary Barroso e, no verso, outro samba "**E' mentira oi**", do mesmo autor

COLUMBIA apresenta no disco 22084 "**Enferrujado**", optima marcha de Jorge Nobrega.

Quem não toma banho
Fica enferrujado
E' preciso sempre
Você ter cuidado

Até as garças
Coisa espantosa
Lambendo as patas
Roncam de prosa
Tomam seu banho matinal
Com sabonete lá no fundo do quintal

Qualquer marreco
Acostumado,
Pinta o caneco
Quer se lavar
Seja no brejo ou na lama
Não tira a roupa
Toma banho de pyjama

Do outro lado desse disco, "**Mulher bonita**", bom samba de Victor Hugo Albuquerque.

O disco **Columbia 22085** traz "**Vamos dar valor**", samba, e "**Si assim fora**", marcha, ambos trechos cantados por Sonia Burlamarqui.

ODEON, entre os optimos discos já criticados a semana passada, apresenta ainda para o carnaval, um dos melhores sambas apparecidos "**Só dando com uma pedra nella**", de Lamartine Babo, gravado no disco **10872**.

Bis { Mulher de sessenta annos
Já cheia de desenganos
Que usa vinte e cinco grammas
De vestido na canella
Só dando com uma pedra nella

Bis { Menina que pede esmola
Com um cofre de ferro immenso
Que pede p'ra Santo Onofre
E leva p'ra São Lourenço
Só dando com uma pedra nella

Bis { Cantora do Instituto
Que canta toda a semana
Ao escrever no quadro negro
Artilharia rusticana
Jogae o quadro negro nella

Bis { Não tomo de Woley-ball
Não tomo de Basket-ball
Com este meu corpinho assim
Eu só tomo é leite Bol
Só dando com uma pedra em mim

T r e s b a i l e s

No America Football Club, no Club Central de Nictheroy, no Praia das Fléxas Club

No Club de Regatas Icarahy: um lindo grupo do Baile das Ciganas

De Graça Aranha

M A L A Z A R T E

(Graça Aranha começou a composição de Malazarte em Petropolis em 15 de Setembro de 1906 e no seu plano geral fala na busca do amor...)

Eu sinto Malazarte musicalmente e não literariamente. Impossibilidade de uma perfeita expressão literaria.

14 DE OUTUBRO DE 1921
(*sua nota á bordo do* Lutetia)

SOBRE o mar tudo é triste... Morria a tarde. O que restava de luz não era mais o sol. A lua apressada vinha vindo ainda embuçada nas descoradas nuvens. O céo não existia, perdera-se nas nevoas longinquas. Sobre o mar tudo é triste...A agua immensa era côr de cinza e nada reflectia. As vagas se cobriam de espumas mortas, a face azul se voltava para o fundo do movel abysmo. Tu vieste, Tristeza, a esta hora preferida e tu buscaste o teu costumeiro abrigo no meu coração. Como tardaste, Tristeza, não entraste no velho refugio. Dentro desse coração como uma luz que descesse do mysterio entrava a Esperança!... Era o Brasil!

:: :: ::

A P A I X Ã O E A M O R T E

O AMOR é tudo, tudo, e a separação no amor é a imagem da morte. Mas a separação vive da esperança e a esperança é uma força divina. E a Morte?... Oh! a Morte é o fim de tudo. Amantes supremos, divinos, ardentes, condemnados ao Nada, ao desapparecimento, ao anniquilamento absoluto, á separação eterna! Oh! herões da Paixão, como sois admiraveis!

No Theatro Imperial, em Nictheroy: bailado russo por alumnas do Gymnasio Bittencourt da Silva

Lá se foi o Carnaval. Ficou a praia. Em Copacabana, nos póstos desde o Leme até ao Forte, a vida continúa e, mesmo sem licença da policia, as fantasias são cada vez mais bonitas...

5 MULHERES POR 5 PINTORES

DE MODIGLIANI

DE DERAIN

DE LAOTE

DE MARIE LAURENCIN

DE MOISE KISLING

DESCOBRIU UMA

A' déra entrada na Escola Polytechnica. Escola que é um desses altos fornos da intelligencia onde se entra — e donde não se sahe — sem um brazeiro cerebral que attinge á loucura.

O Destino quiz que, naquelle anno, eu passasse as minhas férias nos Baixos-Alpes. E' dos nossos departamentos, o que lembra mais assustadoramente a Arabia Petrea. Nem hervas nem arvores. Ribeiros seccos que são torrentes de seixos; colinas semelhantes a montes de pedras que o sol calcinou, e, para nos aprisionar a alma e a vista, cadeias de montes pellados, que allucinam, como si o Deserto se tivesse transformado em montanha.

Fatigado, eu passava o dia dormindo sob o oasis, isto é, sob um pinheiro, unico no valle, que dava sombra ao quintal da familia que me hospedava. Só á noite, quando a fornalha da rocha se attenuava, eu revivia, e, para reencontrar um pouco da poesia da terra, iamos passeiar até ao Ribeiro: lá emfim, respiravamos, viamos, ouviamos frescura !

Eu disse: nós... A minha companhia era uma joven de Neuilly que no ultimo inverno adoecêra, os medicos mandaram que se cuidasse, mas que acabára de estraçalhar os bronchios fazendo dictados sténographicos para jovens parisienses sem recursos. Loira, olhos azues, musicista, orphã, encontrava familia na Bondade. Um dia, depois de me ter dito que não conhecêra irmão, meigamente pediu-me que fosse o seu. E desde então me senti envolto numa especie de affeição predestinada.

Habitualmente voltavamos para casa calados — a amisade tem, como o amor, os seus silencios cheios de encanto — mas naquella noite, admirando a immensidade, ella disse:

— Não posso nunca olhar as estrellas sem pensar nas ilhas, e, sobretudo, naquella que, desde a infancia, não sei porque, sinto necessidade de conhecer: a ilha...

— Oh ! Magdalena ! exclamei, acabo de ver a morte de uma estrella ! Ella estava lá, entre as duas montanhas... Brilhava com tal esplendor que eu tinha os olhos presos nella e, de repente, nada mais ! No logar della um furo negro !...

Fiquei immovel, gelado, aterrorisado, depois uma ardente exaltação me transportou o espirito para o espaço:

— Imagine, minha amiga, que somos talvez os unicos viventes do incommensuravel universo que surprehenderam o desapparecimento de um mundo !... Mas, você viu ?

— Meu querido irmão, respondeu, com a voz apagada, eu tambem vi a morte da estrella: mas não queria lhe dizer nada...

— Por que acha que é signal de infelicidade ?

— Sim... mas não para você ! pronunciou lentamente. Para mim.

— Minha querida irmã, murmurei, bem sabe que sou um scientista: não gosto que você seja supersticiosa !

A minha voz tremia; estava ainda perturbado pelo prodigio.

Ella apertou mais o meu braço com a mão sempre humida e, sem dizer palavra, entrámos em casa.

Era Setembro. De volta a Neuilly, as primeiras brumas de Outubro a encerraram no quarto. Em Novembro não era mais do que um esqueleto diaphano, com dois grandes olhos azues interrogadores e supplicantes... Pelos meiados de Dezembro, na neve, conduzimos o seu corpo ao cemiterio.

*

Sahindo de X tres annos depois, engenheiro de minas, fui primeiro para as do Mexico, depois para as Serra Leone, depois para as do Caucasio; por fim, impaciente para servir em terra franceza, segui para Madagascar.

A Companhia que me contractára, entregou-me a direcção de uma das suas explorações de ouro. Difficil tarefa ! A difficuldade consiste menos em quebrar a pedra ou filtrar a lama para tirar o ouro, que impedir, uma vez o magniffico metal recolhido, que elle se evapore entre as mãos humanas. E' preciso olho de diamante e pulso de aço.

Entretanto, desde as primeiras férias, em vez de ir vêr Tananarive e seus skatings, eu me apressava em preparar um pequeno grupo de operarios e continuar as buscas por minha conta.

Depois de ter subido por um riacho a areia aurifera até á sua nascente, atravez de uma floresta de cipós e de espinheiros onde os meus homens e eu ficamos com o rosto ensanguentado — menos por causa dos espinhos do que devido as picadas de mil pequenas sanguesugas que se atiravam a nós como pulgas — desembocamos num alto planalto de laterite vermelha e de gneiss. Foi lá que decidi acampar. E immediatamente nos entregamos ao trabalho ! Toda a semana escavamos.

No primeiro domingo que se seguiu á nossa installação, emquanto os meus operarios se divertiam, dansando ao ar livre, diante das mulheres, a dansa do milhano que palpita de amor no céo, decidi, á tarde, subir ao monte que se erguia acima do nosso acampamento. Só: nenhum dos meus homens quiz acompanhar-me, todos unanimes em jurar que aquella montanha era "fady", interdita aos homens.

Com effeito, nenhuma pista: ninguem, visivelmente, a havia explorado antes. Quanto mais eu subia, mais me sentia impregnado, com estranha doçura, de um sonho do "além"...

Num silencio immemorial quebrado apenas, por

instantes, pelo canto de um passaro triste, primeiro encontrei algumas palhoças pobres como abrigos de porcos, mas cujo abandono parecia datar de poucos annos; depois appareceram em volta de mim velhos tumulos de madeira que o limo esverdeado das alturas cobrira como rochedos: encimados por chifres de bois e ossos, surgiram tão numerosos que eu perguntava a mim mesmo o que teria enxotado daquelle cimo uma aldeia de casas para só deixar sepulcros... Soprava um vento imperceptivel mas gelado. No horizonte, bem longe onde se avistava o valle, de um azul quasi nocturno, luziam os arrozaes: cruzando os canaes em degráos, refrangiam esse brilho espectral que carrega o espirito abandonando-o melancolico noutro planeta...

De repente a terra acabou. Um rochedo sombrio e de aspecto tumultuoso me barrou o caminho. Escalei-o. Minha picareta e meus sapatos ferrados se entrechocavam com elle. Que som estranho!

Extraordinariamente profundo, ao mesmo tempo de crystal e de bronze, conjuncto aereo e subterraneo, um som "que não era deste mundo", e cuja repercussão singular, por ondas concentricas, immediatamente me poz o espirito andando em roda numa especie de gravitação harmoniosa. Para o escutar, para o sondar, fui forçado a parar... E olhei deante de mim.

ESTRELLA

Por

Marius-Ary Leblond

ILLUSTRAÇÕES DE FALKE

Muito mais longe do que eu podia ver, muito mais longe se estendia aquelle bloco: elle tinha a pesada consistencia de um marmore negro que parecesse bronze. E a superficie era tão nua — apenas aqui e acolá alguns pontos oxydados — que não se via nem musgos nem hervas. Imaginem uma immensa pedra de tumulo, atirada sobre um quadro de relva.

Para me orientar, recorri a minha bussula: a agulha batia, afflicta tambem. Mas não me haviam prevenido de que certos pontos da espinha central da Grande Ilha são como que enfeitiçados por um fluido magnetico?...

Primeiro tratei de percorrer a superficie que me interessava: caminhei uns cincoenta metros; em seguida, dirigindo-me para o lado que devia ser o norte, andei mais ou menos cem metros antes de descobrir o ponto onde o rochedo, após algumas torsões, acabava bruscamente. Lá, vi que aquelle prisma mineral recortava na terra a forma lapidar de um triangulo.

A' essa idéa de "triangulo", uma recordação se illuminou no meu cerebro: revi mechanicamente o perfil de uma enorme pedra da Galeria de Mineralogia de Paris, diante da qual o nosso veneravel mestre Lacroix — sem duvida com o fim de nos deixar no espirito uma lembrança inolvidavel — disse: "Nesses traços de dedos, nesses golpes de polegar, nesse bojo arredondado, nessa modelagem que parece a de um esculptor, reconheçam sempre um Bolido..."

Apaixonadamente me debrucei sobre o solo: elle se estendia por toda parte que os meus olhos attingiam, negro e como que ainda trovejante, como a escaldante tempestade de uma massa cheia de fogo...

Então, feliz, só, sobre aquelle monolitho mysterioso, no silencio, primitivo do valle deserto, puz-me, só Deus sabe porque, a gritar:

"Achei uma Estrella!"

"E não terá sido — perguntei a mim mesmo assim que revi em baixo as palhoças em ruinas — não terá sido a quéda deste bolido, que tocou os indigenas deste cimo?"

*

No dia seguinte, ao amanhecer, de ferramentas na mão, voltei.

O meu primeiro golpe fez saltar uma das innumeras particulas brilhantes do que o mineral estava crivado. Separando as partes, retirei uma pequena escama cuja face plana scintillava, tanto, que, como um deslumbramento, me veiu a idéa experimental-a sobre um crystal de rocha que levava sempre commigo: ella riscou-a como vidro!

Desci tremulo e, no mesmo dia, pratiquei a analyse fragmentaria da lasca de meteoro

Dissolvida pelo acido chlorydrico, quasi me asphyxiou sob uma furiosa torrente de vapores e de gaz; depois se revelaram, em primeiro logar, o que contêm commummente os aerolithos: ferro e nickel; e, finalmente, no fundo da capsula — não em poeira como para o "Cañon Diabolo dé l'Arizona" — mas em bella pedra facetada: o Diamante.

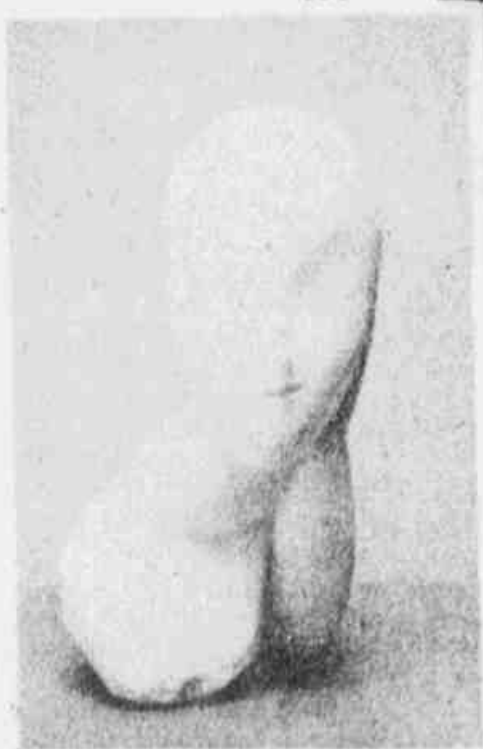
*

Na verdade, desde então, alguma coisa me ligou magnetica-

(Termina no fim do numero).

"VENUS"
de Jacob Epstein

"OPERARIO"
Estatua em cimento
de Angel Ferrant

"MULHER"
terra - cotta
de Maillol

"RETRATO"
marmore, de Brancus;

ESCULPTURA

O baile do Municipal

Tres aspectos

Na cidade

Mártim Luz

Os Tres Dias, que são quatro como os tres mosqueteiros, vieram dar á cidade a delicia da loucura.

E passaram.

Quanta coisa passou com elles!...

Para que commentarios?... Tudo se repetiria na banalidade das coisas já muito sabidas...

O melhor chronista é o photographo e as chronicas mais vibrantes são as photographias que enchem este numero.

O Rio viveu os seus dias e as suas noites mais bellas.

Por exemplo: no sumptuoso "bal-masqué" de segunda-feira no Theatro Municipal, organizado pela Prefeitura e pelo Touring Club.

A Opera emigrou por uma noite para o sólo rude do Brasil, pondo uma nota civilisada e aristocratica na liberdade selvagem do nosso carnaval.

✣ ✣ ✣

E o "Bal-Tabarin" no "Eldorado" tambem fez o Rio se mascarar de Paris, completando a illusão.

✣ ✣ ✣

Nicolas, o magico da photographia, presidente do Movimento Artistico Brasileiro tambem deu uma festa na sexta-feira antes do carnaval, no "fundo do mar". Era assim que o seu studio estava disfarçado. Optimo. E alegrissimo.

✣ ✣ ✣

Carnaval...
Como já vae longe!...

C A R N A V A

No Club Gymnastico Portuguez

Corso de au

No Club Militar

Na Avenida e

No Rio Cricket, em Nictheroy

...A L

...automoveis

No Club Germania

... Flamengo

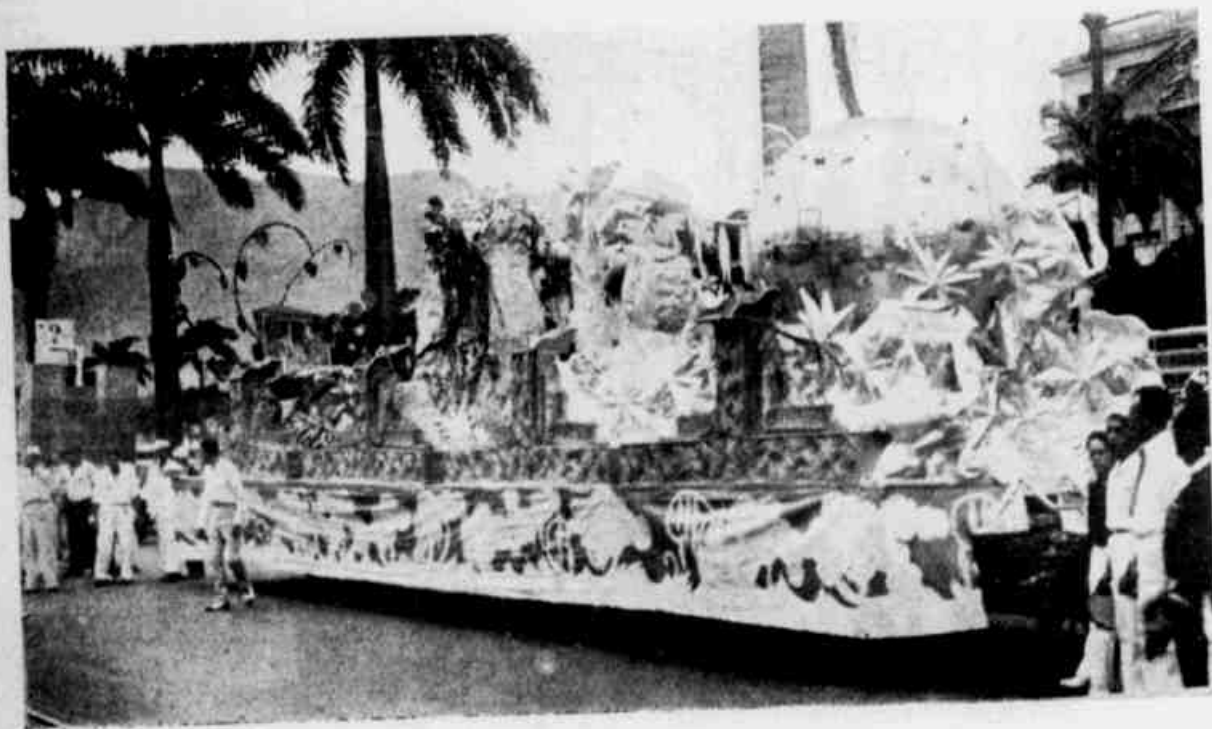
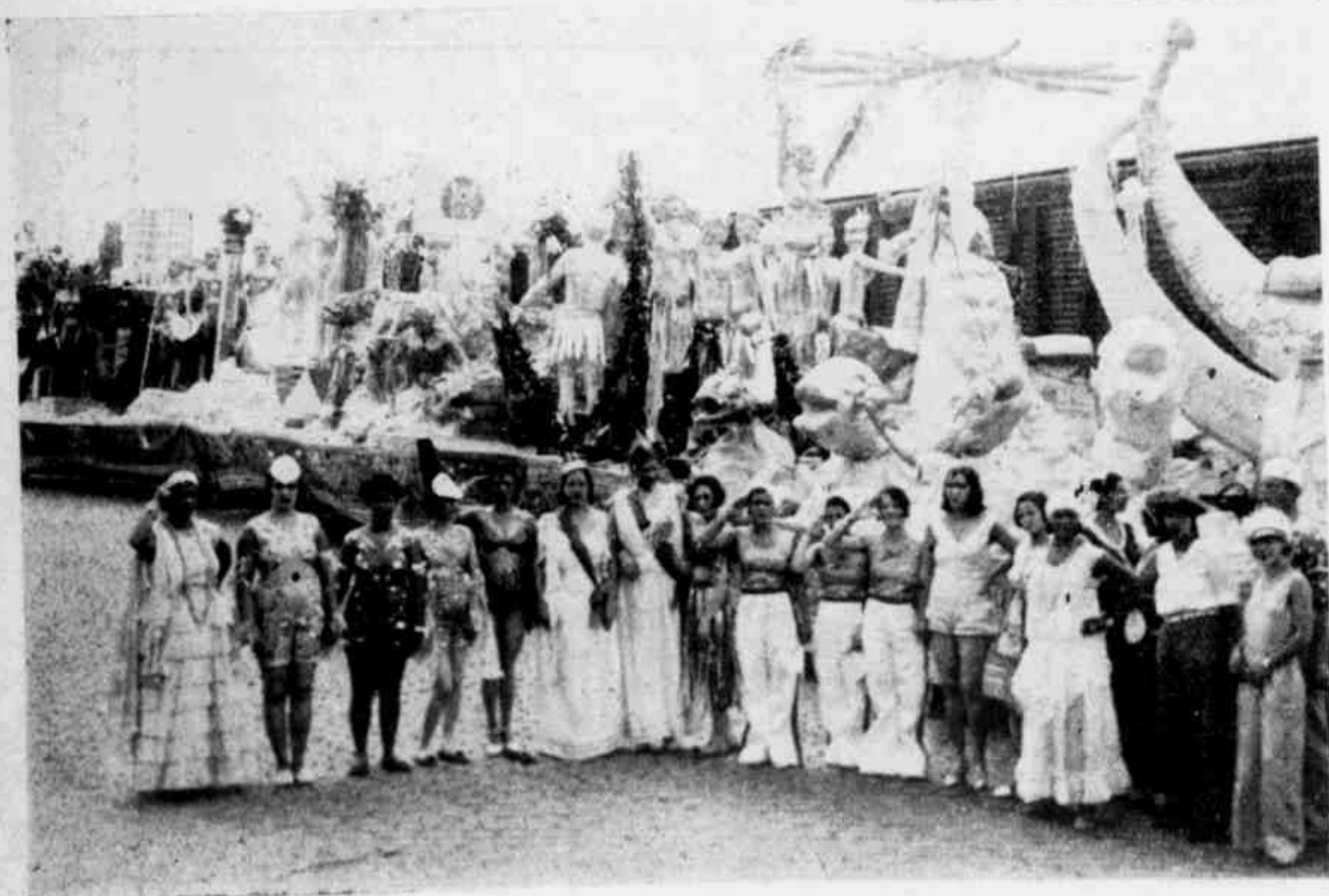
No Club de Regatas Guanabara

No Club de Regatas Icarahy

Os prestitos de terça-feira

Carro-chefe dos Tenentes do Diabo

Carro-chefe dos Democraticos

Carro-chefe dos Pierrots da Caverna

Carro-chefe dos Fenianos

Carro-chefe do Congresso dos Fenianos com a população alegre de todos os carros.

No Club Central

Tres aspirantes em continencia.

POEMA DA MENINA FEIA

(Para Edgard Guimarães)

Todas as tardes,
pontualmente,
machinalmente,
a menina feia passava á minha porta.

Quando eu a vi,
sem querer,
murmurava intimamente:
Que azar!
E a pobrezinha, coitada, seguia o seu caminho,
indifferentemente,
sem ao menos desconfiar da minha implicancia...
Uma tarde a menina feia deixou de passar.
Outra tarde ella não appareceu.
E na terceira tarde, com uma vaga tristeza nos olhos,
senti saudades da menina feia!...

Evagrio Rodrigues

SERENATA

(Para Gustavo Capanema)

O cão ladra, ladra,
mordendo o silencio vellodoso da noite.

De repente
o guarda fica espiando, espiando,
os moços da serenata
que acordam a rua deserta
com violões chorosos
e vozes melosas...

Calmamente,
ELLA rola na cama,
boceja,
esfrega os olhos
e sonha delicias...

O cão ladra.
O gato mia.

... E a lua continúa indiffereste,
como a vida.

Evagrio Rodrigues

TRISTEZA DE VELHA PRETA

Dentro da enorme noite negra,
com o olhar atirado sobre lombádas de uma serra,
sentada de cócôras, toda encolhida,
a preta, num desejo de sumir da terra,
resmunga coisas tristes sobre a vida.

— Minha Preta velha, não fique assim triste
numa noite tão bonita.
A terra é uma cabôcla bem morena,
o céu é seu vestido de chita
todo preto com pingos brancos,
e são extravagantes — bugigangas,
que ella traz sobre os seios, essas parasitas
pendidas das arvores sobre os barrancos.
Não fique triste assim no meio de tantas coisas bonitas.

— Sinhô, tud'isto já foi mais bonito.

— Minha Preta velha, a vida é um grito
de alegria ecôando no peito da gente.
A vida é bôa!... A vida é quente!...
A vida é linda como um sorriso de Nossa-Senhora.

— Sinhô, a vida já foi bem mió!...

— A vida não foi bem melhor, pois é agora
que existe pra sua raça toda a liberdade.
A vida foi melhor quando você soffria
na senzala da escravidão?

— Foi, Sinhô, foi. A vida foi mió e mais quente,
prúque inda havia
amô e mucidade
nus curação
das gente,

Mathias Simão
escreveu

GARIMPEIRO

Garimpeiros de minha terra,
busca no fundo do regato azul
a pedraria miuda, esplendida e rica!

Homem fotre e rude e bom,
sonda o leito virgem desses corregos!
Encontrarás riquezas fabulosas
nesses timidos regatos,
nessas veias preciosas do Brasil!

Garimpeiro de minha terra,
se queres ser feliz na tua vida
e realizar o teu sonho arrojado,
entra no nosso sertão!
Sonda o sertão grandioso e barbaro,
de lá trarás o thesouro
bruto, immenso e puro
com que possas encher o teu chapéu de couro!...

Bueno de Riveira

O CYSNE NEGRO

ERA uma vez, no lago do Couloumé, dois cysnes brancos, que se chamavam Istane e Saraz.

Esses cysnes eram os mais perfeitos do mundo.

E se assemelhavam tanto que os homens não podiam distinguir um do outro.

Gosavam uma felicidade completa. E habitavam num paiz onde o sol é sempre radioso, e o céo calmo e puro.

Imaginem que o lago do Couloumé é engastado no seio de uma grande floresta de carvalhos. Os carvalhos são tão altos e direitos que impõem o respeito. Sob os enormes galhos livremente estendidos, o ar circula á vontade e a relva cresce mais verde do que a das campinas, pontilhada de primaveras e de botões de ouro.

E, á qualquer hora, uma das margens do lago é envolta em sombra fresca.

Lá Istane e Saraz passeavam a indolencia. Elles moravam numa casa confortavel, feita de taboas, no fim de um pequeno golfo.

Não moravam sósinhos. Havia tambem os paes, as mães, os tios, as tias, e uma quantidade de primos e primas, todos cysnes brancos como elles.

Mas Istane e Saraz eram tão bellos que se destacavam entre todos e no meio dos outros pareciam soberanos entre os condes e os barões. E, da manhã á noite, com as patas caprichosas, riscavam a agua sempre immovel. Davam a impressão de se mirarem; mas espreitavam os peixes; e clac... com uma bicada, apanhavam o imprudente logrado pelo descuido.

A felicidade dos dois era feita tambem por mil outras coisas preciosas; os iris violetas que, desde o mez de maio bordam as margens do lago; os nenuphares brancos como elles, e cuja semente é tão saborosa; o pica-peixe One, de costas azul electrico e peito rosado, que vôava em torno como uma borboleta; e ainda os patos selvagens que, nas noites do ontomno, interrompendo a migração, desciam do alto do céo.

Os patos revoavam primeiro, em ronda, cobre o lago, uma vez, duas vezes, para se assegurarem de que não havia por lá nenhum caçador emboscado. Conheciam o perigo. Mas logo se tranquillisavam, pois o Couloumé é um recanto feliz onde ninguem caça.

Então pousavam com grande ruido e fazendo saltar a agua. Havia-os de todas as especies: de cabeça vermelha e de cabeça verde esmeralda; alguns tinham as asas pontudas como andorinhas. E todos contavam historias admiraveis.

E diziam aos cysnes: "Venham, venham comnosco até aos grandes lagos da Africa, maiores mil e duas mil vezes do que o lago do Couloumé; passaremos lá o inverno juntos; e quando vierem os mezes escaldantes do verão, levantaremos vôo, e iremos para os gelos do Polo Norte, onde os peixes são numerosos e faceis de pescar. Venham, venham comnosco."

Istane e Saraz tinham bastante vontade de seguir os patos. E respondiam: "Partiremos com vocês na proxima viagem." Mas os patos instavam inutilmente, elles não partiam: queriam antes se casarem. Pois Istane e Saraz se amavam.

Nem podia deixar de ser assim. Conheciam-se desde pequenos; juntos haviam crescido e brincado todos os dias, sem nunca brigarem. Quando Istane pescava um peixe succulento offerecia-o a Saraz; e á noite, antes de dormirem, Saraz, com a sua voz incomparavel, cantava para Istane os cantos magnificos que os cysnes se transmittem de geração em geração.

Amavam-se assim naturalmente, sem jamais pensarem que poderiam não se amar. E todos os dias, emquanto passeavam, ao lado um do outro, falavam no futuro e faziam bellos projectos, beijando-se como se beijam os cysnes, com pequenas bicadas no pescoço, onde a penugem é mais fina.

Mas o futuro não chegava nunca.

E os dois amorosos passeavam já tristemente, pois a esperança da felicidade tão sonhada, tão desejada, diminuia cada dia.

Entre os cysnes, como entre os homens, os paes têm opiniões sobre a vida, e direitos sobre os filhos.

E os paes de Istane lhe haviam dito: "Não te casarás com Saraz", ao mesmo tempo em que os paes de Saraz haviam declarado á filha: "Não serás mulher de Istane.".

Saraz curvou o longo pescoço, sem ousar a minima observação, porque era muito timido. Refugiou-se num canto solitario do lago, e as lagrimas tombaram dos seus olhos.

Istane, mais ousado e voluntario, pedira explicações. Mas a mãe, que não admitia replicas, disse simplesmente: "Meu filho, os paes não dão satisfações aos filhos. Nós decidimos, teu pae e eu, que não desposarás Saraz, porque não serás feliz com ella. Meditamos maduramente a nossa decisão: obedeça, e não nos fale mais nessa loucura. Aliás, temos um outro projecto sobre o teu futuro, e na hora opportuna te poremos ao corrente."

Istane retirou-se, com o coração cheio de dôr e — para falar a verdade, embora seja um feio sentimento — de colera.

Refugiou-se tambem no lago, onde encontrou Saraz que chorava atraz de um massiço de bambús.

A partir desse momento, a vida correu para elles sem encanto e sem prazeres. Veio a primavera, depois o verão. Não davam mais attenção ás flores, nem aos vôos do amigo pica-peixe One; as sementes dos nenuphares perderam o sabôr, e os peixes nadavam inpunemente até entre as patas dos dois: Istane e Saraz só pensavam na mutua dôr.

Primeiro Istane esperou que com obstinação e deferencia exterior, comoveriam os paes. Assim, todos dois procuravam se evitar em publico, e pela manhã se encontravam ás escondidas nas plantas altas que ficam no fundo do lago. O povo dos cysnes tem o habito de dormir de dia e de se occupar e viajar á noite.

Istane se esforçava por consolar Saraz: "Verás como tudo se arranjará, dizia elle, e terminaremos muito felizes. E' preciso comprar a felicidade." Saraz dissimulava as lagrimas.

O outomno se approximava, e nada mudára.

Um dia, por fim, ao nascer da aurora, o primeiro vôo de patos selvagens, a caminho da Africa, parou no lago, que era uma etapa costumeira.

POR

Paul Cassagnac

ILLUSTRAÇÕES DE ANDRÉ G. GIRARD

Entre os passaros aquaticos, os patos selvagens são conhecidos pelo máo caracter. Os paes patos se preoccupam muito pouco com os filhos, que, desde que pódem sósinhos buscar o alimento, fazem o que querem. E' lamentavel, mas é a verdade. E isso explica porque os patos são, em geral, mal educados.

Do alto, o chefe do bando que chegava, Sélézene le Col-Vert, avistou Istane e Saraz, que se entretinham no esconderijo que haviam arranjado. Pousou junto delles e viu que Saraz chorava.

— Bom dia. Porque choras? disse Sélézene.

A estas palavras os soluços de Saraz augmentaram tanto que ella não poude responder. Foi Istane que falou.

— Estamos infelizes porque os nossos paes não querem que nos casemos.

— Kua! Kua! Kua! fez Sélézene as gargalhadas. Os seus paes não querem o casamento? Mas para que pedir permissão a elles? Venham comnosco! Todas as vezes que tenho passado por aqui repito a mesma coisa! Não é melhor serem felizes e livres juntos, do que tristes e como prisioneiros aqui?

Istane ficou silencioso, porque achava humiliação responder que os filhos devem viver juntos dos paes; e Saraz continuava chorando.

Então Sélézéne olhou com desprezo Istane e disse:

— Tu não és um macho, si não sabes fazer a felicidade da tua noiva. Ou então tu não amas Saraz.

A estas palavras Istane sentiu que os olhos se tornavam escaldantes; o olhar vacillou e as pennas se herissaram furiosamente. A revolta entrára no seu coração.

Passou todo o dia junto de Sélézéne, informando-se com elle sobre as costas fabulosas da Africa, os desertos de areia que se atravessam para attingir os grandes lagos, ventos que precisam ser estudados com cuidado, tempestades ás vezes terriveis e subitas, e a forma angular que os viajantes devem conservar rigorosamente durante a viagem.

Por vezes Istane se interrompia para abrir as asas e, de pé nagua, batia-as como si já quizesse vôar. Saraz, silenciosa, aconchegava-se a elle, certa de que, embora o seu grande medo e os seus escrupulos de consciencia, o seguiria, porque o amava.

E quando o crepusculo cobriu de sombras os altos carvalhos, todos juntos, levantaram o vôo, silenciosos como morcegos que abandonam o esconderijo.

Sélézéne conduzia o vôo e fendia o ar; os cysnes seguiam-o de perto, e os patos, em duas filas, logo atraz. Nem Istane, nem Saraz voltaram a cabeça para olhar o logar onde passaram a infancia, e, na escuridão crescente, o bando se dirigiu para o Sul.

Vôaram muito tempo. Seguro do caminho, Sélézéne não hesitava. Aliás era facil orientar-se. A noite estava translucida, e sobre a sombra da terra, os rios scintillavam.

O Adour arredondava docemente a curva gigantesca que o conduz ao Oceano. Elles seguiam-lhe o curso. Um vento leve, soprando do éste, sustinha o esforço dos passaros. Atraz do grande Col-Vert que, de pescoço estendido, patas encolhidas, seguia numa marcha regular, Istane e Saraz, um ao lado do outro, precipitavam a cadencia do vôo.

Istane cuidava da sua companheira, e de quando em vez a encorajava. Saraz fendia o ar com toda a sua jovem força desageitada, procurando conservar o alinhamento e a distancia. Na desordem da sua pequena cabeça, não havia nem arrependimento, nem remorso, nem mesmo pensamentos; amava Istane; tinha confiança nelle, queria acompanhal-o até o fim do mundo.

Mas nessa noite não foram muito longe.

Bom guia, preoccupado com os companheiros menos habituados, Sélézene acampou duas horas antesc do amanhecer.

Depois dos altos planaltos do Guipuscoa e da Sierra de Guadarrama, guiados pelas luzes de Madrid que elles deixaram para a esquerda, os viajantes desceram numa margem deserta do Tage. O logar era seguro, abrigado por arvores e bambuaes, e Sélézene o conhecia bem.

Saraz, apenas fechou as asas, extenuada, adormeceu encostada a Istane.

Assim continuaram a viagem. No dia seguinte, alcançaram os pantanos que ficam na embocadura do Guadalquivir, perto de San Lucar de Barrameda. E no outro dia atravessaram o braço de mar que separa a Hespanha dos Marrocos: estavam na Africa.

A confiança nascia no coração de Istane e de Saraz. Tomavam conhecimento do vigor e da capacidade proprios. Em poucas horas, tinham aprendido como, numa migração, se conserva exactamente o logar sem atrapalhar os visinhos; como é preciso se entesar ao se approximar a rajada, depois, ao contrario, deixar-se levar pelo seu remoinho. Estavam viajantes consummados.

Tudo os deslumbrava, a doçura das noites, as constellações scintillantes sobre o céo sombrio e transparente, a temperatura morna dos lagos e dos rios, o sol cujo calôr é tão benefico durante o somno.

E, o meio desse universo sorridente que descobriam juntos, era para elles proprios um mundo novo, e o amor de ambos se desdobrava em liberdade, na luz, na esperança e nos grandes horizontes.

Naquella noite, a quarta depois da partida de Couloumé, Sélézene reuniu os companheiros.

Todo o dia, elles haviam dormido num lamaçal do Oned Sébou, aos pés dos Montes Atlas, que são, como sabem, montes famosos pela altura e escarpamentos: em plena Africa, nó meio do verão, as suas neves desafiam os raios do sol.

— Formem o circulo, commandou Sélézene.

E logo, promptos á disciplina, os patos o rodearam. Pelo ar do chefe comprehenderam que se approximavam g r a v e s acontecimentos. Istane e Saraz figuravam n a primeira fila.

O sol se escondendo atraz do Atlas, ensanguentava a agua dos pantanos.

Na immobilidade geral, Sélézene falou:

— Esta noite affrontaremos o perigo. Vocês os antigos já o conhecem. Temos, primeiro, que atravessar a montanha, e depois o deserto. A montanha. Subiremos muito alto. O esforço é penoso, o ar glacial; gela as patas e os bicos, e em cima das cabeças a tormenta não cessa nunca. Mas o peor é o deserto. Lá, o calor é o do inferno. Areia, mais areia, e nenhuma agua. A etapa será longa. Só depois do meio dia attingiremos o unico lago da região, o lago Ségui. Extraviar-se ou parar, será a morte. Si querem viver, sigam-me.

Apenas acabou de falar, levantou vôo. Todos o acompanharam na ordem costumeira.

Elevaram-se sempre, sempre, descrevendo uma espiral immensa. E quando as asas cortaram um ar menos denso que mal os sustentava, Sélézene seguiu direito para a montanha que então brilhava debaixo delles.

O espectaculo era feérico. De Couloumé, Istane e Saraz muitas vezes haviam contemplado a parede prateada dos Pyrinéos; mas nunca, nunca, poderiam imaginar coisa semelhante.

Era um amontoado extranho de prata e de pedrarias. Na sua luz branca como um sudario, a lua confundia a neve, o gelo, os rochedos. Tudo scintillava. Os proprios patos pareciam brancos como cysnes.

E o frio os atacava, penetrava atravez da espessura das pennas até a medula dos ossos.

Depois, bruscamente, uma rajada abrazadora os envolveu e tudo se tornou negro:

— O deserto, murmurou Sélézene.

O andar acima do céo no qual vôam os passaros, é o Paraiso. E' para lá que vão as crêanças bôas e justas, quando morrem.

O Bom Deus reservou o Paraiso para o genero humano: São Pedro, que guarda a entrada, afasta impiedosamente os animaes que se approximam. Os passaros sabem disso, e tem sempre idéa de embarafustarem pela porta entre-aberta, aproveitando-se de alguma distração do bom Santo. E' por isso que os vemos, ás vezes, elevarem-se á perder a vista, acima das nuvens.

Mas de repente, Istane e Saraz se imaginaram na ante sala do Inferno.

As estrellas se esconderam tremulas, temendo ver o que se ia passar. A lua estendeu diante dos olhos uma enorme nuvem negra e, num instante, mil vezes mais deslumbrante do que o brilho do sol do meio-dia, o raio crepitou, e o trovão se confundiu com mugidos da tempestade desencadeada.

Arrancada da superficie do deserto, levantada em trombas, a areia fustigava o espaço; tomado de loucura o vento rodopiava urrando, e, lançados de todos os cantos do céo, os relampagos entre-chocavam os ruidos furiosos.

Sacudida, enrolada pelas vagas da tempestade, mais repentinas e mais rudes do que as do oceano, Saraz estendia o pescoço, escondendo, em pleno vôo, a cabeça na plumagem de Istane; comprehendia que lá estava a salvação; por preço nenhum deixaria o guia, nem aquelle que ella amava. Talvez o grande Col-Vert, tão ajuizado, tão prudente, encontrasse, na sua experiencia, a manobra que os salvaria todos.

E, com effeito, na fulguração incessante, Istane e Saraz viram o chefe arpoar para o solo planando, as asas arqueadas e quasi immoveis.

Muito tarde já! De uma nuvem arrebentada pelos raios, escaparam-se fartas pedras, no principio espaçadas, depois em avalanche; pedras duras e lisas, do tamanho de cerejas; pedras que quebram ossos e cabeças...

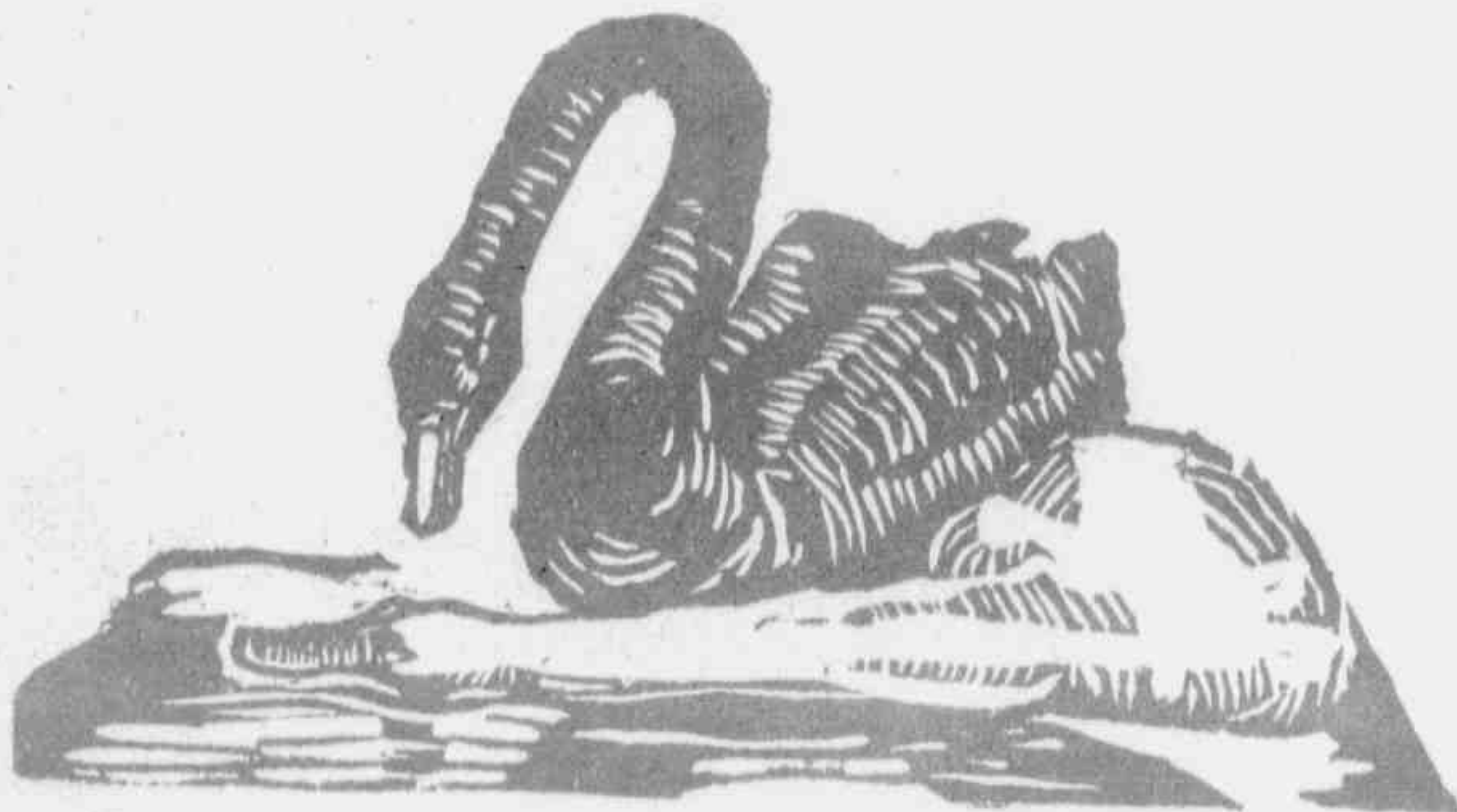
Saraz sentiu uma dôr aguda na asa direita: faltou-lhe o equilibrio, e, como attingida por um tiro, cahiu gritando:

— Istane!...

Um relampago illuminou o drama. Istane percebeu tudo, e com os olhos fixos na pequena bola de plumas que descambava em turbilhão, fechou as asas voluntariamente...

Uma aurora cinzenta e lugubre. O céo vasio. O silencio. O Deserto.

Na beira de um charco, cheio pela tempestade, Saraz jazia, rigida, o corpo sobre a areia, o pescoço e a cabeça na agua. E, sobre ella, Istane, des-

(Termina no fim do numero).

Elisa Coelho.

Dois artistas que se casam

ELLA veiu do Rio Grande do Sul. Elle veiu das Alagôas. Elisinha canta coisas de todo o Brasil. Tem uma voz differente, uma expressão differente, della, unicamente della. Flavio appareceu no Theatro de Brinquedo, naquelle "moleque" do "Pae João", naquelle "penetra" do "Baile no suburbio", no "Redactor Theatral" de "Adão, Eva e outros membros da familia". Faz desenhos, syntheses de creaturas. Faz poemas com um mundo de suggestões. São dois originaes que se juntam numa coisa commum. : o conhecido amor. Casam-se no dia 16 em Copacabana. Vão ser muito felizes. Todos os que os admiram e lhes querem bem estão torcendo para a ventura sem fim de Elisa Coelho e Flavio de Andrade.

Flavio de Andrade.

Ruth Weston

CINEMA

SEBASTIÃO FERNANDES.

Ah! George Walsh que saudade quando vejo o George O' Brien!

Que dirão nossos netos quando souberem que já gostamos dessa mulher feissima que se chama Greta Garbo?!

Dupont fez VARIETE' e na America naufragou. O russo W. Tourjanskine foi em Hollywood depois de deslumbrar o mundo inteiro com MANOLESCO feito em Berlin. Afinal o que desejam os americanos?

Adoravel a scena de "Monsieur Beaucaire" apresentada por Lubistsch em MONTE CARLO. Mostra o ridiculo dos gestos estupidos e convencionaes dos cantores catalogando a opera como farça intragavel nos tempos modernos.

Von Sternberg em MARROCOS fez de Menjou um boneco ridiculo. Em DESHONRADA não conseguiu extrahir da obtusidade de Victor Mac Laglen um typo de espião intelligente. O destino dos bonecos...

Alguns films em hespanhol têm letreiros em portuguez!!!
Realmente as fitas "hablado em castelaño" são duma linguagem deliciosa..

Charles Brabin terminada a maravilha de TERRA VIRGEM apresentou o aleijão de SEVILHA DOS MEUS AMORES. Acredito piamente que a direcção foi de Ramon Novarro...

Conrad Weidt depois de maravilhas na Allemanha foi para a America onde o machinismo "yankee" quasi mutilou a arte admiravel. Voltou e já vimos o ULTIMO PELOTÃO!

Dos pessimistas conceitos de Ursula Parrot sobre a mulher dois directores fizeram films. O tão falado Fitzmaurice em BEIJOS A ESMO foi incapaz de superar a ironia e arte de Rober Z. Leonard em DIVORCIADA.

A nossa mentalidade ou é burra ou barbara! Quando poderemos ficar civilizados para assistir "Aldeia do Peccado". COURAÇADO PTENKIM, e a formidavel LINHA GERAL.

Os desenhos animados de ratinhos, pererecas e gatos mostram quanto são os americanos sadios e infantis. Como é bom ter oito annos...

Francisca Bertini é mais velha do que Marie Dressler e quer apparentar a frescura de Tallulah Bankhead...

Madge Evans

Sobre a arte moderna

Flavio de Carvalho

DE vez em quando, apparecem ameaças de uma volta ás expressões abandonadas. Essas ameaças quasi sempre provêm de um grupo qualquer, que se sente em estado de inferioridade. E uma ameaça de classicismo torna-se, então, uma compensação, um meio de adquirir uma superioridade momentanea, de se mostrar, tentando se elevar acima da mediocridade esquecida.

E' um protesto contra a força destruidora da arte moderna. Os passadistas, suffocados pelo contraste, enxergam em qualquer movimento dos mestres modernos, uma volta ao classicismo; se agarram ao passado, como o agonizante se agarra a Deus, como a nação em perigo se agarra ás tradições. E' uma especie de patriotismo da arte.

O que mais caracteriza a tendencia moderna é a absoluta falta de dogma; o homem livre póde desenvolver o seu pensamento sem nenhuma prisão consciente; elle constróe, modela e pinta as emoções geradas pelo seu movimento inconsciente, obedecendo aos seus instinctos impulsivos. Ora, a volta ao classicismo significa justamente o contrario. Significa abandonar os espiritos impulsivos para o dogma da consciencia. Certas partes da arte moderna, como a architectura, estão adquirindo uma consciencia nitida, está se estandardizando, repetindo-se, isto é, entrando em periodo de classicismo, mas de um classicismo preso á realidade presente.

O que mostra naturalmente que ella está fugindo á idéa basica da arte moderna, mesmo sem copiar o passado.

O homem moderno começa a estudar sériamente a sua vida emotiva e descobre que as sensações — prazer e dôr — provêm de uma série de associações colhidas durante a sua vida e que apparecem movimentadas pelo desejo de se collocar em segurança e formar uma personalidade em contraste com o ambiente. O par antithetico — prazer-dôr — não tem que ver com a realidade presente a um dado momento, mas sim com as associações que, quando ajuntadas em um todo, não representam uma imagem objectiva, como costumamos perceber, mas sim uma especie de historia da emoção vivida.

A arte moderna procura representar essa emoção, é uma collecção em mosaico da vida intima do homem, e é por isso mesmo que, na sua fórma basica, ella ameaça de ser sempre victoriosa; porque mostra a alma escondida do homem, mostra aquillo que attrahe, que é prohibido saber, aquillo que é causa do tumulto da vida, da luta dos povos.

No Balneario da Urca

As moças que serviram o chá em beneficio das obras da Matriz de Nossa Senhora do Brasil.

Em Presidente "Prudente" no Estado de São Paulo

1.º Quadro do campeão local: "Club Athletico Prudentino"

1.º Quadro do "Commercial Football Club"

2.º Quadro do "Athletico"

Sergio filho do Sr. Guilherme Sodré, mascotte do "Club Athletico Prudentino"

2.º Quadro do "Commercial"

A nona arte

"DIZE-ME O QUE COMES, E DIREI QUEM ÉS!"

EIS emfim elevada á categoria de arte, a gastronomia apurada! De todos os cantos se levanta como uma armada, a legião de toucas brancas, sabia em gulodices, dignas descendentes, emulas ou discipulas dos Vatel de outr'ora. E cada uma léva um prato estudado ao cenaculo dos "gourmets" que devem julgar, criticar ou applaudir para em seguida propagarem tal especialidade, tal combinação saborosa, fruto de longos e pacientes esforços.

Já imaginamos uma frisa num luxuoso palacio, na qual todas as artes conhecidas estendam os braços á recem-vinda, querida de todos como o arremate das delicias que as outras deram a conhecer. Exemplo: a Pintura, de palheta na mão, apresentando verdes espinafres e rosadas "sauces"; a Esculptura, collocando num monumento á gloria de Brillat-Savarin um peixe magistral; a Architectura, offerecendo o plano do palacio dos "gourmets"; a Gravura, cinselando a grande taça das libações alegres; a Musica, cantando os pratos raros; a Literatura, levando aos quatro cantos do globo os "menus" illustres; o Cinema, ensinando a todos, a confecção dos "patés", dos molhos reputados. Emfim, a Moda, pregando nas abas dos nossos chapéos tomates vermelhos e limões verdes nos nossos cintos. E eis as artes conhecidas augmentadas de uma nova, orgulhosa das suas roupas immaculadas, o ar sonhador de estudiosa, debruçada sobre os fornos, um dedo nos labios para que não trahiam o segredo das suas vigilias, das suas experiencias, dos seus trabalhos. Vamos seguir essa arte encantadora e fina para roubarmos os seus mysterios: receitas succulentas, pratos regionaes cozinhados com cuidado, misturados com paciencia, saboreados com unção...

A todo senhor, toda honra! E já que falei em Brillat-Savarin, quero contar algumas requintadas gulodices creadas pelo seu talento. "Amusebouche nautais", pequenos canapés de pão sobre os quaes camadas espessas de sardinhas frescas, trituradas no almofariz com manteiga, passadas numa peneira fina, semeada de rodelinhas de pistaches! "Creme Margot", é uma sopa deliciosa. Caldo de gallinha ligado com leite de amendoas, gemmas de ovos e creme duplo. As barquinhas de filet de linguado são tiras de linguado "pochées", recheadas com uma "purée" de camarões, arrumadas em barquinhas de massa folhada, cujo fundo é guarnecido de pedacinhos de lagosta e de champignons frescos, tudo regado com um molho de camarão rico. Este prato de fino sabor e delicioso perfume é de grande successo.

E assim são todas as "creações" de Brillat-Savarin: extranhas, caras, deliciosas...

BRILLAT-SAVARIN

MO

Vestido em mousseli-
ne branca lamée prata.

Mousseline marron. Saia muito ampla em baixo.

Crepe marocain preto guarnecido de fita gros-grain branco.

—— STAMPAMOS hoje oito modelos
e Lucien Lelong, abolutamente ineditos. Por elles podemos ver ue a moda pouco tem nudado, apenas pequenos detalhes maram as estações. Por exemplo: o que diz respeito ao comprimento das saias. Lucien Lelong decreta que os vestidos de typo esportivo devem ficar 34 centimetros acima do chão; que os "d'après midi", 32 centimetros, que os muito luxuosos, que pódem servir para jantares, a 20 centimetros. Só os vestidos verdadeiramente de soirée, elle faz actualmente a 5 centimetros acima do solo, de maneira que mostre os sapatos. Quanto á silhueta, tudo que afine as cadeiras e alargue os hombros. Busto bem modelado e grandes decotes nas costas.

Para o nosso clima, nesta estação, aconselhamos, para a noite, as mousselines e as rendas. A renda branca, é uma das coisas mais elegantes do momento. Ha uma variedade infinita de rendas, algumas leves que convêm mais aos typos fran-

Crepe "romain" branco guarnecido de pospontos com seda brilhante tambem branca. No forro de crepe branco um alto babado de crepe da China plissado.

DAS

zinos; outras, pesadas e algumas cirées. Para as mulheres que já fizeram vinte annos — mais de uma vez... — é mais discreta e até rejuvenesce, a rneda preta ou marron.

Aqui, na nossa cidade. pouco empregam os plissés. Mas com a resurreição das blusas, as parisienses todas possuem, pelo menos, uma saia em setim preto brilhante, inteiramente plissada, que se faz recompanhar por blusas de mousseline estampada ou renda creme. Lucien Lelong lançou mesmo a moda de longas saias plissadas, para a noite, completadas por blusas ricas de lamé ou de mousseline perlée.

Vestido de crepe géo azul rei, muito ajustado nas cadeiras.

Renda branca muito pesada guarnecida de tulle.

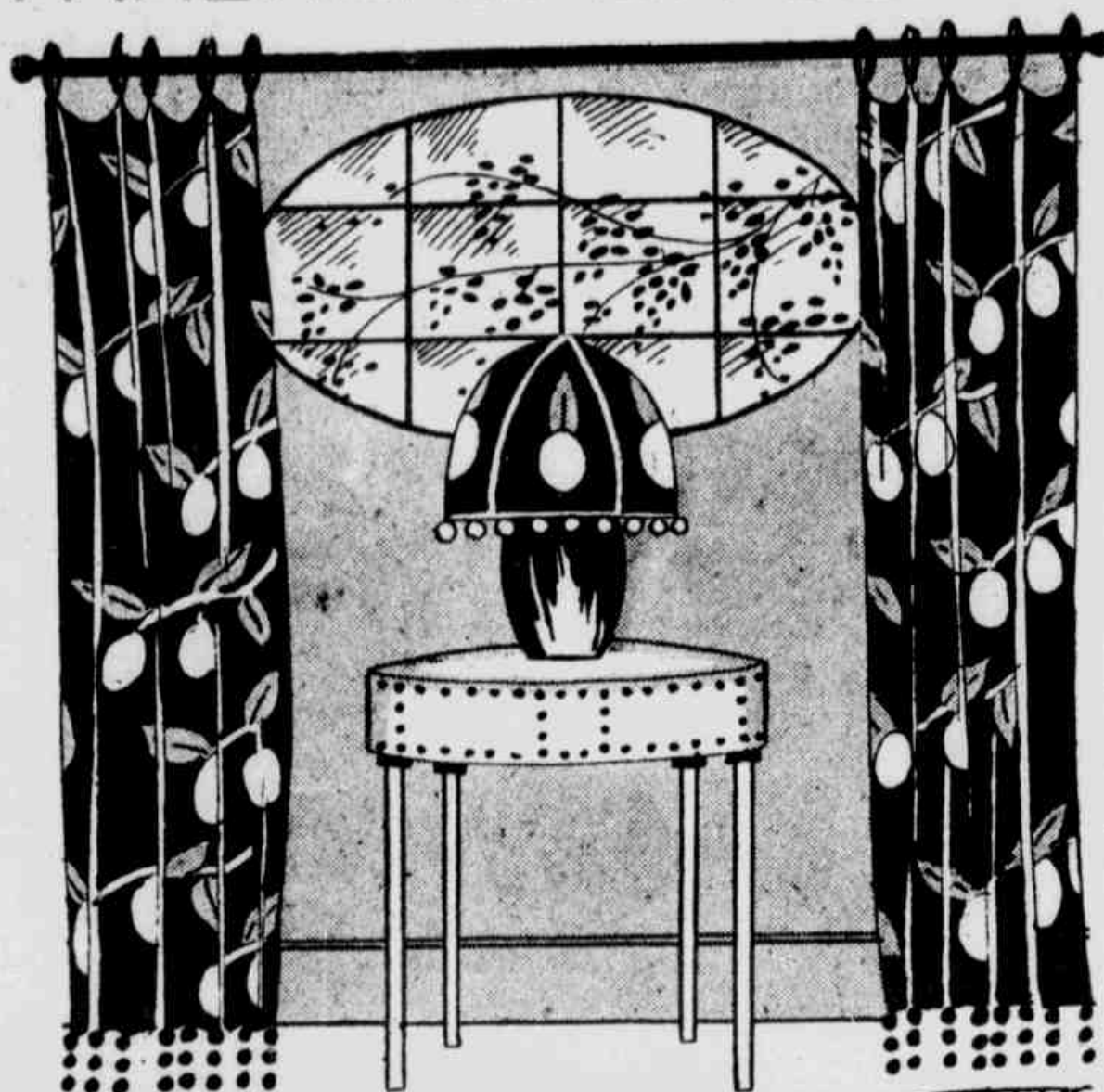
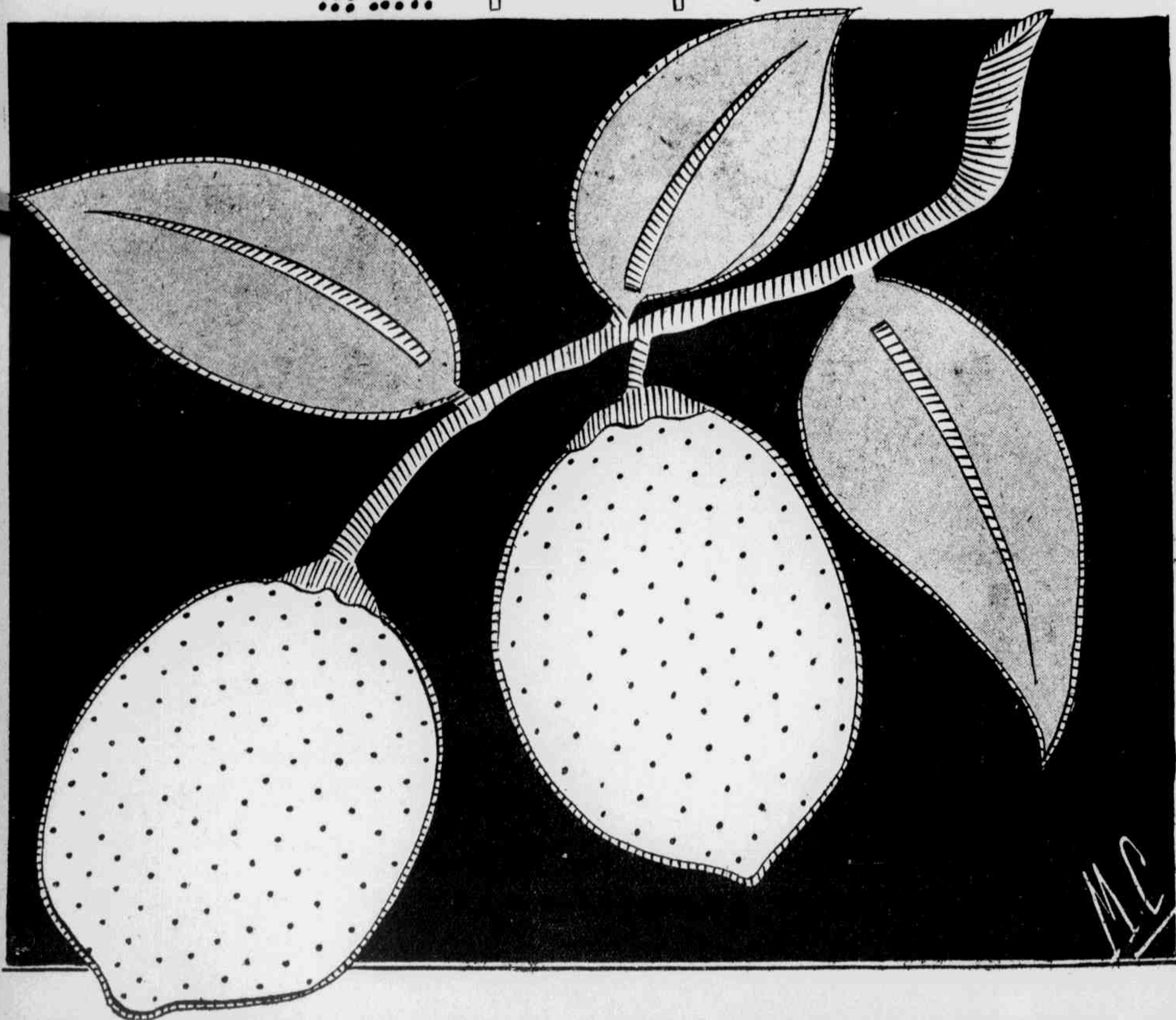
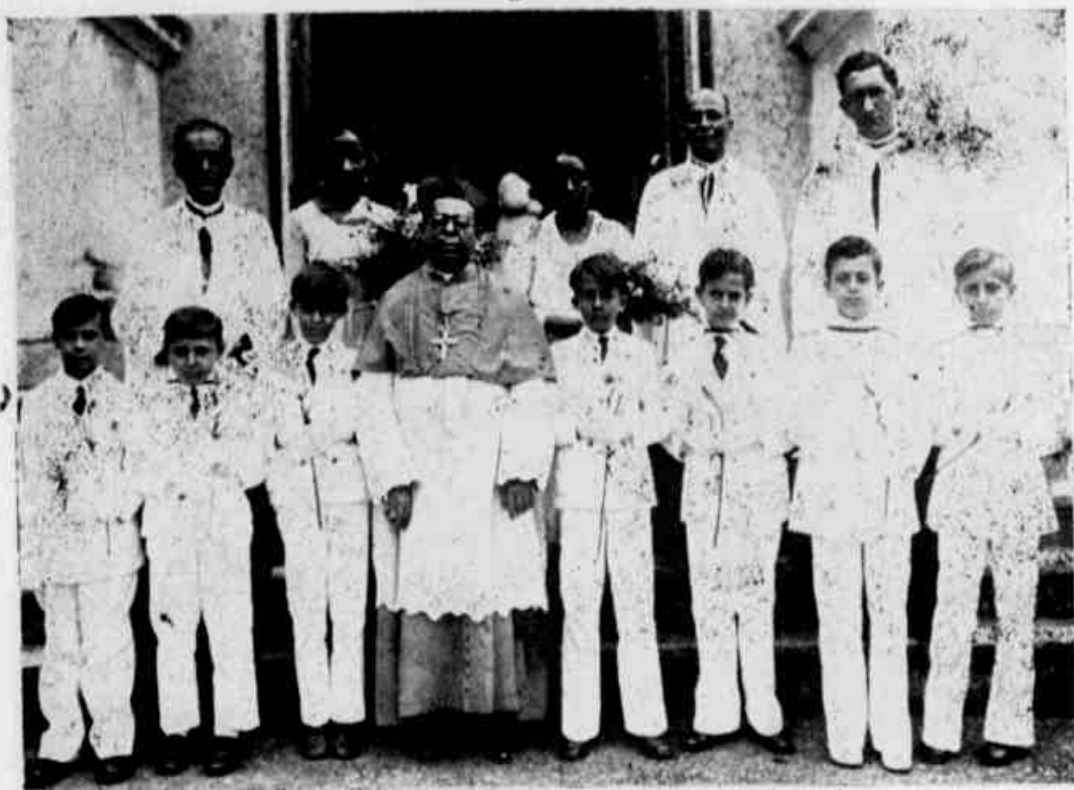
Mousseline branca com desenhos em verde e vermelho. Saia muito ampla.

Vestido de mousseline e renda marron. A mousseline é inteiramente pregueada.

MODELOS ORIGINAES DE LUCIEN LELONG

Para confecção de qualquer modelo, procurem sedas nas Casas dos Tres Irmãos. Ouvidor, 134 e 160.

O TRABALHO DA SEMANA

Actualmente, a nota dominante nas guarnições de casa é o preto, realçado por toques de ouro ou prata ou applicações de cores vivas. O croquis estampado aqui dá uma idéa do que póde ser um «boudoir» ou um «fumoir» assim decorado. Grandes cortinas de *taffetás* preto, sobre o qual se destacam, de maneira original, uns limões applicados. O divan tambem forrado de *taffetás* preto com as mesmas applicações. Os limões são em *taffetás* verde amarellado com pequenos pontos em seda verde escuro, as folhas verde vivo.

Em Nictheroy Alumnos do Collegio Brasil, com o Bispo D. José Pereira Alves, no dia em que fizeram a Primeira Communhão.

Waldemar Marques, proprietario do "Foto-Waldemar" — Madureira.

Brinquedos de rua

(FIM)

rio se senta em frente, num banco: não viu nada, não sabe de nada, está repousando.

O porteiro tem uma cara selvagem e urra. Se elle fosse um pouco philosopho, se fechasse a porta sem dizer nada, seria banal e não repetiriam. Mas elle sae para a rua, ameaça, troveja. Repetirão.

* * *

As fundas, parece, fizeram grandes estragos nos muros de Carthago, e as bolas de barro quebraram o marfim dos escudos. O lança-pedras dos meninos não deve ser desdenhado. E' formado por um y de madeira e quatro tiras de borracha. Imaginem o que pódem fazer! Imaginem os cães ganindo, os carros attingidos, os lampeões. E, além de tudo isso, ha ainda o tiro sem direcção. Lançam pedras ao acaso, além dos telhados das casas — ellas caem não sabe onde — até que se ouve um ruido de vidros. Então é o momento da fuga panica, e Loulou entra em casa sem olhar para traz, com o seu segredo e o seu remorso.

* * *

Para terminar de vez em quando fazem uma "tournée" pelas padarias. Ha cinco nos arredores, vão de um em um. Pelo respirador de grades vêem os padeiros, tronco nu, avental branco. Atiram uma pequena pedra e esperam. Se o padeiro não dá attenção, recomeçam: elle levanta a cabeça e grita. Mimile responde, é elle o que tem a palavra facil; tem sempre uma resposta prompta: "Cala bocca, cara de bode.—Oh! o piolho!—Venha para, covarde, se tens coragem! — " Loulou nada em felicidade, Honorio monta guarda, e ao primeiro alarme, ao primeiro passo do padeiro, os tres heróes fogem como pardaes. Mais ninguem...

Assim tomam o gosto pela aventura. Até agora, curvavam-se aos desejos e determinações dos homens. Ora, eil-os que criam casos e vencem os homens pela astucia: é um prazer intenso e novo.

Depois, tambem serão homens. Gostarão das partidas, das emoções, das victorias, mas as suas acções terão um fito. E quando sahirem pelas ruas em busca da felicidade, isso se chamará, segundo as circumstancias, seguir o caminho do bem ou o caminho do mal.

Alzira
filha do Sr. Getulio Costa, proprietario da "Civilisação Brasileira Editora".

:: Os clichés de ::
"Para todos..."
:: são feitos nas ::
officinas de "Vida Nova", pelo gravador
OSCAR
Avenida Gomes Freire, 138 e 140
Telephone: 2-2437

O CYSNE NEGRO

(FIM)

maiado, abrira as asas num gesto supremo de amor e de protecção.

Rapidamente, embaciado e rubro, sem coróa, sem raios, o sol surgiu no horizonte. Fustigado pela luz, Istane abriu os olhos. Puxou docemente a companheira com o bico: o pequeno corpo sujo de lama estava rigido, triste de se lembrar, comprehendeu.

Então, a custo, porque estava todo dolorido, pôz-se de pé.

Em torno do bico de Saraz, o sangue formara uma poça que não se misturara á agua.

E aquelle espelho de sangue mostrava-lhe uma imagem desconhecida.

Era elle, o mais bello dos cysnes brancos, elle cuja plumagem immaculada lhe dava orgulho e realeza? Era elle?

O seu bico estava vermelho e vermelhas as patas, como o globo imflammado do sol, como o sangue da pequena e doce Saraz; e as suas plumas negras, negras como as roupas de luto.

E desde ahi existem os cysnes negros.

Moinhos de outros tempos

A "Sociedade dos amigos dos velhos moinhos do Oeste", com séde em Nantes, pretende preservar da destruição total o pouco que resta dos velhos moinhos de vento e de agua, mortos pela industria moderna. E' necessario fundos solidos e bem governados para sustentar semelhante esforço. A "Sociedade" quer reanimar os moinhos de agua "porque é preciso guardar a recordação desse grande esforço, dessa visão de genio, pois é o movimento que anima as paizagens mais selvagens e lhes dá toda a belleza, todo valor educativo". Quanto aos moinhos de vento, toda gente do Oeste deseja que lhes restituam as aspas que foram obrigados a retirar devido ás exigencias do fisco. A nova Sociedade proporá aos proprietarios dos moinhos que se acham em logares frequentados, fazel-os rodar, mesmo vasios, durante o verão, para dar vida á paizagem.

FOLHINHAS

A Companhia de Seguros Terrestres e Maritimos "Previdente" teve a gentileza de nos enviar algumas folhinhas para o anno de 1932.

"Para todos..." agradece.

O homem que descobriu uma estrella

(FIM)

mente aquelle hemispherio austral que me reservara semelhante thesouro. Quando, um anno depois, foi necessario, para a minha saude, um periodo de férias, não embarquei para a França, e sim para "La Réunion". Sim, para aquella ilha tão proxima, que tantas vezes, em pleno trabalho, de maneira instante e mysteriosa eu me sentira bruscamente attrahido!...

Lá não encontrei pedras preciosas: entretanto casei-me com uma joven de extranha pobreza — de pelle côr de ambar e grandes olhos verdes — que levei, juntamente com a sua mãe, para os Altos Planaltos de Madagascar.

E a nossa casa foi elevada sobre a pedra de astro. E em torno della surgiram as casas dos nossos operarios. E nos vieram filhos.

Mas, como toda a felicidade — mesmo a mais celeste — a minha tem o seu segredo.

Quando á tarde, sob o firmamento dos tropicos, tão amorosamente constellado, nós passeiamos, com os nossos filhos, e que eu ouço a minha querida mulher, com a sua voz creoula, exclamar: "Quando penso que habitamos numa Estrella!!...", cada vez, secretamente, em mim, a recordação comprime as minhas idéas.

Não! não esqueci a minha irmã de eleição. E sempre, com tristeza e carinho o meu coração perguntará: "Será possivel?... Será possivel, Magdalena, que essa estrella, cuja morte annunciou a sua, seja "esta mesma" da qual um dos pedaços trouxe, para mim, a riqueza e as alegrias da vida?".

"A mocidade e como o Lotus:
floresce apenas uma vez."
KOHOUT.
VALE A PENA
PENSAR
A mocidade é uma só — e esta mesmo pode ser abreviada pelos estragos da saude. Defender a saude é prolongar a propria mocidade, é dar ao corpo uma graça duradoura que resiste até a velhice.
A fonte perenne de conservação para o sexo feminino é
A Saude da Mulher.
Favorece as Mocinhas,
porque normalisa o apparecimento das regras, tonificando o Utero e os Ovarios nessa edade perigosa em que taes orgãos, ainda fracos, são facilmente attingidos por grandes perturbações.
Favorece as Senhoras,
porque as conserva jovens, preservando-as de soffrimentos que as fazem envelhecer mais depressa, taes como Flores-Brancas, Faltas de Regras, Regras Demasiadas, Regras Dolorosas.
Favorece as Senhoras mais edosas,
porque combate todos os males da Edade Critica, principalmente o Rheumatismo e as Colicas Uterinas.

MOVEIS, TAPEÇARIAS
E
DECORAÇÕES EM GERAL
ASA
MARCA
UNES
REGISTRADA
65 — RUA DA CARIOCA — 67 — RIO